



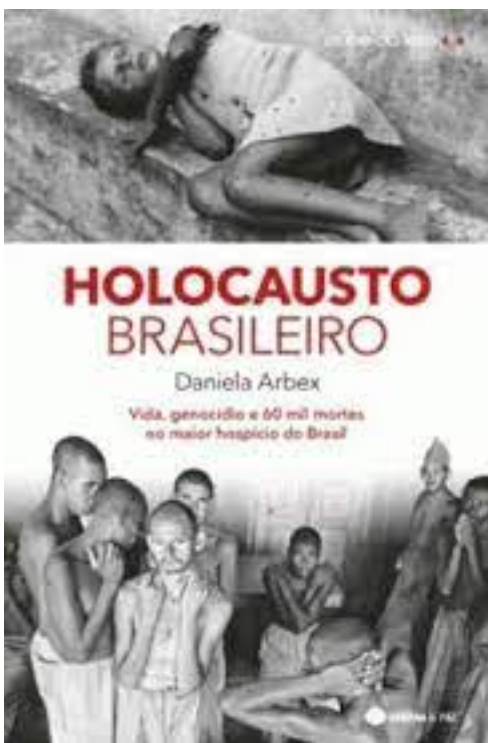
Luiz Alfredo

Fotojornalista

Conheci o fotógrafo Luiz Alfredo no Restaurante Mangueiras, ao lado da Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Eu fazia um frila para o Jornal do Comercio – A contratação do jogador Perfumo pelo Cruzeiro Esporte Clube. Fiquei eletrificado estando ao lado dele. A revista O Cruzeiro era o topo onde qualquer fotógrafo jornalista queria trabalhar. Enxerido, tabulei uma bola com ele, perguntando de suas reportagens. E como todo mundo tem uma história pra contar ele contou parte dela naquela tarde outonal das Alterosas. Perguntei se podia visita-lo na redação. Ele disse que sim. Fui no dia seguinte e meses depois seria contratado como Repórter Fotográfico na sucursal da revista O Cruzeiro em Salvador.



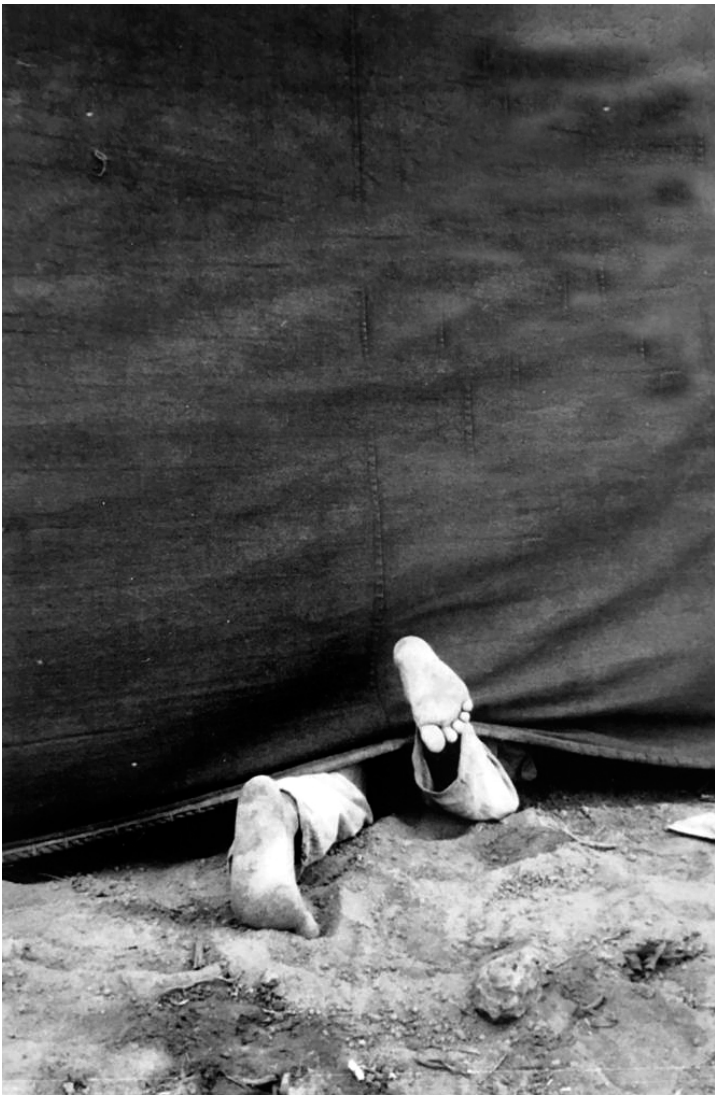
Guignard 1962



Luiz Alfredo fez perto de 300 reportagens fotográficas para a revista O Cruzeiro. De concursos de Miss Brasil ao Hospital Colônia de Barbacena (uma série de fotografias impactantes de 1961, sobre as condições dos internos). Já em 1933, o escritor Guimarães Rosa, que trabalhou brevemente como médico no Colônia, chamou aquilo de “trem de doido”. E mais tarde apelidado como o Holocausto Brasileiro que foi suporte para o livro da jornalista Adriana Arbex. Luiz também fotografou as agruras humanas do Vale do Jequitinhonha. Um ensaio intimista sobre o pintor Guignard. A passagem do Circo Nerino por Belo Horizonte. Extração submarina de metais nobres em navios naufragados no nordeste brasileiro e mais 294 outras foto reportagens. Hoje Luiz Alfredo vive em Niterói e tem organizado um recorte desta sua produção: reportagens, fotografias, negativos e uma boa e suculenta conversa. Seu trabalho merece um livro.



Luiz Alfredo é um fotojornalista que escreveu com imagens a história do Brasil. Nascido em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, em 1924, o jovem que cresceu em Piedade, subúrbio carioca, conseguiu uma vaga na Revista O Cruzeiro aos 18 anos. Aos 24 anos, começou a construir a memória coletiva com as suas lentes. Registrou a lendária chegada ao país dos jogadores da Seleção Brasileira após a vitória da Copa do Mundo, na Suécia, em 1958, andou de carro com Fidel Castro, na época em que ele era um líder cubano em ascensão, e acompanhou de perto a vida e a obra de Alberto da Veiga Guignard, um dos maiores pintores do século XX. Em 1961, flagrou a dura realidade do Colônia, hospital psiquiátrico, em Barbacena, onde morreram 60 mil pessoas. As emblemáticas fotografias se tornaram o maior registro já feito, no país, sobre o tratamento cruel e desumano oferecidos aos indesejáveis sociais. Durante as duas décadas em que trabalhou na revista, ele apresentou os brasileiros ao Brasil. Daniela Arbex



Entrevista Luiz Alfredo
17 julho 2021
Sertão de Cambury/Niterói

Juvenal – Olá Luiz, bom dia, estamos fazendo esta entrevista para complementar seu trabalho fotográfico enviado para o Instituto Moreira Salles e queremos que vc contasse um pouco da sua história. Vc estava me contando que nasceu em Nova Iguaçu e como foi o seu inicio na fotografia?

Luiz – Eu tinha um tio que era químico industrial e que fazia as tintas que imprimiam a revista O Cruzeiro. Meu pai também trabalhava na revista em outras funções. Eu tinha 15/16 anos e meu pai trazia toda semana a revista e como vc sabe O Cruzeiro era uma das grandes revistas que existiam no mundo e ela tinha contato com a Paris Match, com a Time e com as revistas mais importantes da Europa. Tinha uma equipe de jornalistas maravilhosos que até hoje são nomes conhecidos Armadio de Moraes, Ubiratan de Lemos, David Nasser...



Juvenal – Mais exatamente como vc entrou na revista. Vc começou como fotógrafo, que época?

Luiz – Bom eu tinha 18 anos, servi serviço militar. Mas nessa época sempre foquei na fotografia e com a economia que eu tinha eu comprei uma câmera 6 x 6, não era Rollei e com essa máquina eu saia tirando fotografias. Eu adorava fotografar e nesse vai e vem com essa maquina eu saia com um funcionário da revista, uma pessoa que escrevia muito bem ficou famoso no O Cruzeiro. Eu fazia fotografia e a gente fazia pequenas reportagens e saia publicado (sonho meu) num espaço que a revista tinha que se chamava Cinquenta por cento. Era meia pagina da revista, na vertical, que sobrava da paginação e eles aproveitavam fotografia e ali comecei, me entusiasmei e ao fazer 18 anos eu consegui um emprego na revista O Cruzeiro como auxiliar de arquivo e o meu chefe era uma pessoa muito especial. Senhor Djalma. O Senhor Djalma pegou e arranhou pra que eu fosse trabalhar no O Cruzeiro como auxiliar de arquivo pra trabalhar com ele e no arquivo ele fazia contato com a redação. Ele sabia que eu gostava ele me colocou como contato. Então eu ia do oitavo pro sétimo. O arquivo era no oitavo. Era enorme. O Cruzeiro era todo gigantesco. Bom eu descia pro sétimo que era a redação. Chegava lá e mandava revelar os filmes, fazia as provas no laboratório e comecei a publicar as primeiras fotos com Elder Martins que acabou virando diplomata e escrevia muito bem. Bom, são outras histórias



E assim aos dezoito anos então, o nosso diretor de redação era José Amádio. Um gaúcho que fumava um cigarro com uma piteira longa. Todo mundo tinha um grande respeito por ele que era um grande jornalista e também um grande diretor de redação. Ele dava uma ideia do negocio e dizia vai lá e se vira e faz uma reportagem e eu comecei a publicar e dali eu fui fazer free lancer no Diário Carioca e como eu não tinha cursado a faculdade de jornalismo aquilo ali era uma verdadeira faculdade de jornalismo. Eu não saberia reportar os nomes mas tinha uma equipe fantástica até hoje conhecida Juvenal - E quando você entrou para a revista O Cruzeiro? Quando vc foi para Belo Horizonte?

Luiz Alfredo - Com o apoio do José Amádio comecei a publicar matérias de aportes maiores, as vezes texto e fotografia. Comecei a viajar e um dia o José Amádio me chamou (eu comecei a fazer free lancer no Diário Carioca e eles me deram uma viagem para a ilha de Trindade). O Diário Carioca foi convidado pra fazer e a Ilha Trindade ainda estava sendo praticamente descoberta, mais civilizada, pesquisada pela ciência. Viagem de 15 dias. Como eu já estava ligado a redação através do Zé Amádio e ai eu fui a ele pedir uma licença de 15 dias pra fazer uma viagem pro Diário Carioca. Aí ele me olhou e deu uma pitada com a cigarreira dele, aquela piteiras longa. Ele disse assim: Negado, negativo. E ai eu disse assim, então eu vou me demitir Amádio, por que o que eu quero é isso.

Ai ele virou e disse. Vc sabe por eu não permito?

Eu disse não!



Então o senhor vai lá no departamento pessoal, fala com o gerente o Sr Manoel pra fazer sua ficha por que a partir deste momento vc passa a ser, a fazer parte da nossa equipe de repórteres fotográficos. Vc vai escrever, vai amadurecer aqui e tornar um belo profissional. E assim comecei a fazer reportagens. Comecei a viajar. Eu só queria aventura. Era no mar, pular de para quedas, ir pra floresta, enfim, coisas assim perigosas, eu já saia com aquilo.

Juvenal – E quando é que vc foi para Belo Horizonte?

Luiz – Aninha, quando é que eu fui para Belo Horizonte?... É 64 que eu me lembro que fui registrado pouco antes do golpe (1964)

Aninha – Vc entrou em 58.

Luiz – Eu entrei em 58. O meu registro de jornalista profissional registrado no Ministério do Trabalho, não havia faculdade, e isso equivalia a uma formatura, como repórter foto jornalista, como repórter fotográfico. Então eu comecei a trabalhar ali, fazer muitas coberturas. Eu viajei para as revoltas que tinham no nordeste, Amazônia, eu ia pra lá e era tiro pra lá e avião pra cá, enfim, foi uma vida movimentada que eu tive no O Cruzeiro. Fiz boas reportagens como a de Barbacena (Aninha intervém e muda as datas, ele foi pra Belo Horizonte em 1961). Então eu fiz esta reportagem em Barbacena, uma coisa que me marcou muito, foi muito impactante.



Juvenal – Vc trabalhou no Cruzeiro quantos anos, que ano vc saiu do Cruzeiro?

Luiz – 71/72 , vinte anos até antes de fechar a revista. Já estava em pré falência...Juvenal, eu fiz muitas reportagens e eu comprava os filmes, por que a revista não tinha mais verba pra dar pro repórter viajar e comprar material. Eu comprava filmes e ia fazer as reportagens.

Juvenal – Em 1972 vc se desligou do Cruzeiro e foi fazer aqueles mergulhos de trabalhos de extração de metais nobres de navios naufragados, não é isso?

Luiz – Ah, sim. Eu tive um personagem que era o Raimundo Silveira.

Juvenal – Vc foi trabalhar com o Raimundo em que lugares?

Luiz - Eu fui acompanhar o que ele falava de o circo dele. Ele tinha um barco grande pra explorar navios afundados e eu fiz também uma reportagem muito bonita que foi com o Parcel do Manoel Luiz que tem uma área que tem mais navios naufragados no Brasil. Trezentos e tantos navios ao longo da historia do Brasil bateram naquelas pedras e afundaram. E eu la por baixo das águas vendo aquilo pra mim era uma delicia. E avião também. Esquadrilha da Fumaça. O Cruzeiro tinha um pretígio danado. Ia num ministério falava com o comandante da esquadrilha e ele abria. Eu podia embarcar num avião do Correio Aéreo Nacional pra qualquer lugar. E nisso eu comecei a rodar o Brasil todo atrás de matérias.

Juvenal - E vc se aposentou em que ano, ou melhor, quando vc diminuiu a sua produção como jornalista

Luiz – 1973, mas eu continuei com o Raimundo que era a própria aventura, quando eu podia eu fazia alguma matéria pra revista. Mergulhando atrás de metais nobres. Mas a partir de 1973 eu estava fora da revista.

O objetivo é que o trabalho do fotografo Luiz Alfredo, com quase 90 anos, seja estudado e conhecido.

O que ele conseguiu guardar está em sua casa em Niteroi. Reportagens, fotos, revistas O Cruzeiro e negativos com certa organização.

O ideal seria fazer um inventário de todo este material, higienizar, ordenar e torná-lo acessível.

Ele concorda em disponibilizar este material para para a UFF.

juvenalpereira1@gmail.com

Agosto 2021